

Estudo da FGV analisa setores que mais puxam a atividade em outras áreas da economia

Os setores de alimentos e bebidas, equipamentos de transporte (incluindo fabricação de automóveis e aeronaves), petróleo, produtos químicos e têxteis e calçados estão entre os que mais possuem efeitos encadeadores para trás na economia do país. O aumento de produção nesses ramos puxa a produção de outros setores, que lhe fornecem insumos básicos e intermediários, havendo um efeito dinâmico em cadeia, afirma estudo elaborado por Nelson Marconi, professor da Fundação Getúlio Vargas, de São Paulo (FVG-SP), e por dois pesquisadores da Universidade de Cambridge, Igor Rocha e Guilherme Magacho.

A análise, segundo Marconi, contribui para o debate sobre quais setores são, ou deveriam, ser prioritários para o crescimento e desenvolvimento da economia do país. Também contesta teses que ressaltam que o país poderia se direcionar mais intensivamente para a produção de bens primários - uma vez que tem abundância de recursos naturais -, abrindo mão, de certa forma, de sua indústria, sem que isso prejudicasse o seu crescimento e dinamismo. O trabalho também contrapõe àqueles que defendem que é possível ter dinamismo em uma economia muito baseada no setor de serviços.

A pesquisa foi feita a partir de cálculos em cima da matriz insumo-produto apurada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). O estudo criou 18 grupos de setores a partir de 55 ramos diferentes. Ao usar esse tipo de estatística, os economistas acreditam que investigam o papel de um setor produtivo sem restringir a análise apenas aos efeitos diretos na economia - geração de produção, emprego, valor adicionado, impostos e exportação. Com esse tipo de análise, é possível investigar os efeitos indiretos, gerados pelas interferências que cada setor possui, ou não, sobre outros setores da economia.

Os dados formam um retrato da primeira década dos anos 2000, baseando-se em informações estatísticas desse período, sendo 2009 o último ano de dados disponíveis. Não foi feita uma comparação com a década de 90 por haver diferenças na base estatística do IBGE na questão dos setores analisados.

A pesquisa contribui também para o debate sobre as interpretações de que o país poderia apostar menos em alguns setores industriais intensivos em mão de obra, porque não haveria mais competitividade nesses segmentos, como é o caso de têxteis e calçados, em razão da concorrência chinesa.

No caso dos calçados e têxteis, que aparecem entre os líderes em efeitos para trás, Marconi ressalta que não são setores tecnologicamente avançados, mas, como o estudo apontou, geram muitos encadeamentos para trás. Isso é uma característica importante e que aparece como adicional ao fato de ser um setor também relevante na criação de empregos.

“Não estamos dizendo para deixarmos de exportar primários,

temos que aproveitar isso, mas estamos dizendo que temos que tentar transformar os primários em produtos de maior valor agregado”, diz Marconi. “Ter uma estratégia de crescimento do país baseada nos primários [na sua produção e exportação] não vai gerar os mesmos efeitos sobre a economia do que se

você tiver uma estratégia baseada na indústria”, afirmou.

Entre os melhores setores nos encadeamentos tanto para frente como para trás estão petróleo (extração e refino), produtos químicos e commodities minerais. Já entre os piores tanto em encadeamentos para trás como para frente estão diversos ramos do setor de serviços, comércio e construção. Entre aqueles que têm apenas bons encadeamentos para frente estão os serviços mais modernos e os vinculados ao setor industrial, o ramo de commodities agrícolas e o de serviços públicos.

Não ter fortes encadeamentos para trás significa que um aumento da demanda desses setores não trará grandes efeitos nos demais na economia nacional. Sobre os ramos que possuem apenas encadeamentos para frente, Marconi explica que isso significa que eles são dependentes do que ocorre em outros setores, o que é comum no ramo de serviços, por exemplo, que geralmente cresce quando a demanda da indústria aumenta.

“Estamos mostrando que os impactos que os setores têm na economia são distintos. Assim, ao ser prejudicado um determinado setor por uma certa política econômica, um gestor de políticas públicas vai ter que compensar isso”, disse Marconi. A indústria de alimentos e bebidas, por exemplo, possui encadeamentos fortes para trás, e há vantagens comparativas porque trata-se de um setor que demanda commodities agrícolas, como café, leite, carne etc., uma produção em que o país é forte. E se trata também de um setor que é intensivo em mão de obra.

Por conta disso, explica o economista, se um gestor de políticas públicas decidir deixar quebrar setores como esse, no mínimo precisa saber de sua importância nos encadeamentos na economia e sua relevância na criação de empregos, de forma a pensar meios de compensar a redução da sua importância na economia. **(Reportagem de Vanessa Jurgenfeld)**

(*) Matéria publicada originalmente no jornal VALOR ECONÔMICO, edição do dia 28 de outubro de 2014



Um dos autores do estudo, o professor da FGV-SP Nelson Marconi, da FGV-SP

Importação de produtos químicos registra queda de 1,4% em setembro

O Brasil importou US\$ 4,2 bilhões em produtos químicos no mês de setembro. O valor representa queda de 1,4% em relação a agosto deste ano, mas um aumento de 8,9% na comparação com setembro de 2013. Os produtos químicos mais importados foram os intermediários para fertilizantes, cujas compras externas totalizaram US\$ 750 milhões no mês. Já as exportações, de US\$ 1,3 bilhão, em setembro, registraram aumento de 11,3% na comparação com agosto e de 12,2% em relação ao mesmo mês de 2013.

No acumulado do ano, as compras externas de produtos químicos somam US\$ 34,1 bilhões, uma redução de 1,0% frente ao mesmo período de 2013, ao passo que as vendas externas alcançaram US\$ 10,8 bilhões, valor 1,9% superior ao registrado entre janeiro e setembro de 2013. O déficit na balança comercial de produtos químicos, até setembro, chegou a US\$ 23,2 bilhões, valor 2,4% abaixo do registrado em igual período de 2013. Nos últimos 12 meses (outubro de 2013 a setembro deste ano), foi registrado déficit de US\$ 31,4 bilhões confirmando estabilidade observada nos últimos meses.

Para o presidente-executivo da Associação Brasileira da



O presidente-executivo da Abiquim, Fernando Figueiredo

Indústria Química (Abiquim), Fernando Figueiredo, a renovação em caráter permanente do Regime Especial de Reintegração de Valores Tributários para as Empresas Exportadoras (Reintegra) estimulará exportações industriais brasileiras, mas a alíquota geral de restituição de 3% ainda é insuficiente para desonerar as vendas externas de produtos químicos. **“Entendemos que o reintegra permanente instala ambiente de segurança jurídica e**

permite objetivamente o

planejamento empresarial de longo prazo de exposição ao

mercado externo. Contudo, ainda é necessário adequar o

regime a um patamar que corresponda à realidade dos

tributos pagos e não recuperados no processo de

industrialização, principalmente em cadeias longas como a

indústria química”, destaca Figueiredo.

No cômputo geral do comércio exterior brasileiro, os produtos químicos responderam por 19,6% de todas as importações (US\$ 174,3 bilhões) e por 6,2% de todas as exportações (US\$ 173,6 bilhões) realizadas pelo País de janeiro a setembro. **(Com informações da Abiquim)**

Escassez de água no Estado de São Paulo fez sua primeira vítima na indústria

A fabricante de produtos químicos Rhodia, controlada pela multinacional belga Solvay, adotou um insólito “rodízio de fábricas”, na semana passada, para não paralisar sua produção por completo. As unidades afetadas estão localizadas no polo petroquímico de Paulínia, na região de Campinas, no interior do Estado, uma das mais afetadas pela seca do Sudeste. O parque fabril da companhia na cidade, onde está instalada a Refinaria do Planalto Paulista, da Petrobras, possui 22 unidades em operação. Dessas, quatro produzem os chamados produtos químicos intermediários, que são utilizados como matéria-prima para a fabricação de outros materiais, inclusive pela própria Rhodia. Por conta da baixa vazão do rio Atibaia, de onde a fabricante retira a água utilizada no processo, um sistema de revezamento foi colocado em prática nessas quatro fábricas. Enquanto uma trabalha, as outras “descansam”. Em nota, a Rhodia informou que os cerca de 100 funcionários dessas unidades, quando não estão na produção, fazem treinamentos ou trabalhos de manutenção. Para garantir a entrega dos produtos aos clientes, a Rhodia aumentou o volume dos estoques e estuda a possibilidade de recorrer à importação, em caso de necessidade. Segundo fontes próximas à empresa, a preocupação com a falta d'água começou a ganhar corpo em fevereiro. Naquele mês, a empresa foi surpreendida com uma inédita escassez, algo que nunca havia acontecido durante o verão. Na região, outubro é que costuma ser, tradicionalmente, mais seco. No entanto, o rodízio de fábricas nunca foi necessário. A Rhodia não informou se houve perda financeira em virtude da medida.

O faturamento da Solvay, no ano passado, foi de € 9,9 bilhões. **“Não há um problema generalizado, mas estamos monitorando”,** afirma Fátima Giovanna Coviello Ferreira, diretora de economia e estatística da Abiquim, associação dos fabricantes da indústria química. **“Algumas empresas que captam água de rios tiveram dificuldades.”** De acordo com Fátima, o racionamento de água nunca foi tema da pauta do setor. **“Não era um problema até agora”,** diz, lembrando que a principal preocupação das empresas sempre foi com a energia. **“Agora, é preciso adotar políticas para armazenar água nos reservatórios.”** A indústria química não é a única a sofrer com a falta d'água no Estado de São Paulo.

A Fibria, maior fabricante de celulose do mundo, criou um plano de contingência para evitar paradas na produção em sua fábrica de Jacareí, na região do Vale do Paraíba. A companhia é abastecida pela bacia do rio Paraíba do Sul, que, no fim de setembro, chegou ao nível mais baixo de sua história, com 12,9% da capacidade. Em conferência com analistas, Marcelo Castelli, CEO da Fibria, afirmou que o plano será utilizado **“se houver necessidade”**. Provavelmente vai precisar. Levantamentos do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais indicam que a temporada de chuvas deste ano no Sudeste só deve começar em meados de novembro. Até lá, o rodízio de fábricas, como o da Rhodia, deve continuar.

Colaborou: André Jankavski

(*) Matéria publicada originalmente na revista Isto É, edição nº 2.345, de 5 de novembro de 2014



Fábrica desativada às margens do rio Piracicaba (SP), que abastece as indústrias de Paulínia